

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Pereira Lopes

registada em 2008-09-18
por

Hugo Pereira e Cláudia Simões

António Pereira Lopes

António Pereira Lopes nasceu a 25 de Setembro de 1960, no Piódão. O pai é Manuel Lopes dos Anjos e a mãe Olívia de Jesus Pereira. São camponeses. O pai fazia alguns trabalhos quando começaram a abrir a estrada e ia também para as Minas da Panasqueira. O primeiro trabalho que a mãe teve foi em 1947, tinha ela 12 anos, foi para a Borda d'Água, uma das quintas dos arredores de Lisboa. António entrou na escola em 1967. Andou lá quatro anos, desde a primeira até à quarta classe. Com 11 anos foi para Lisboa, já estava lá o pai há uns três ou quatro anos. Foi para uma loja fazer “os trabalhos piores, que os outros não queriam fazer, pesar batatas, levar os carregos mais pesados, levar botijas de gás ao quarto e quinto andares”. Actualmente continua a trabalhar no ramo das mercearias, mas desde 2002 começou a trabalhar na própria loja.

Índice

Identificação António Pereira Lopes.....	4
Ascendência Manuel Lopes dos Anjos e Olívia de Jesus Pereira.....	4
Infância "Os divertimentos eram muito poucos".....	5
Casa "Construída em 1965".....	8
Educação "Tínhamos que ter respeito à professora".....	9
Religião "Uma grande referência que eu tenho".....	11
Migração "Éramos explorados na mesma".....	11
Costumes Tradições do Piódão.....	14
Lugar "Uma terra só para mouros".....	18
Avaliação Registo importante.....	21

Identificação *António Pereira Lopes*

O meu nome é António Pereira Lopes. Nasci a 25 de Setembro de 1960. Sou natural aqui do Piódão.

Ascendência *Manuel Lopes dos Anjos e Olívia de Jesus Pereira*

O meu pai é Manuel Lopes dos Anjos. A minha mãe, Olívia de Jesus Pereira. Também são naturais de cá do Piódão. São camponeses. Não sabem ler nem escrever. Tratavam das leiras, das terras e tinham umas cabrinhas. Agora mal se vêem, mas na altura, eram cabras por todo o lado. Toda a gente tinha. Nem que fossem só duas ou três. Aqui não havia muitas profissões. Camponês seria a profissão básica. E era o que eles eram. Tinham umas fazendas, adquiridas por eles mesmos. Também tinham umas outras que amanhavam e pelas quais pagavam uma quota, que naquela altura era em géneros, porque dinheiro, não havia. As trocas eram em géneros. Uma pessoa dava feijões, a outra dava ovos. Essas terras eram de pessoas que não estavam cá. Estavam em Lisboa. Os meus pais davam uma determinada quantidade sobre aquilo que produziam. Muitas vezes, até havia o caso em que esses senhores não queriam as coisas, porque não faziam nada com 5 alqueires de milho ou 5 quilos de feijão. Tinha a minha mãe que tentar vender a outras pessoas, à feira ou, se for preciso, ir daqui à Covilhã vender, para dar o dinheiro ao dono das terras.

O meu pai fazia alguns trabalhos quando começaram a abrir a estrada. Ia também para as Minas da Panasqueira. Não é assim tão próximo. Ainda é um bocadinho. Nas Minas, penso que estava na exploração. Não era propriamente mineiro. Acho que era ajudante. Contava-nos que aquilo era muito difícil. Era difícil chegar lá, porque iam a pé, o trabalho era difícil e o ordenado também era magríssimo. Não dava para nada. De maneira que era tudo mau. Não tenho recordação nenhuma de ele me ter dito alguma coisa boa. Naquela altura, não tinham grandes meios de protecção. Dizia que era um pó terrível. Muitas vezes tinham que fugir daquele pó, porque se sentiam mesmo sufocados. Não é por acaso que muitas pessoas daqui da zona, não só aqui do Piódão mas das outras aldeias que fazem parte de freguesia, morreram. Ainda conheci muitos que morreram com esse mal das minas que era a silicose.

Lembro-me mais da minha mãe porque o meu pai andava fora. Ela era como se fosse um homem. Eu cheguei a ouvir pessoas a dizer que antes queriam

a minha mãe do que dois homens! Era um braço de trabalho fora de série. É verdade. Ela era tramada para o trabalho. Era uma moura, como se costuma dizer.

A malguinha

O primeiro trabalho que a minha mãe teve foi em 1947. Foi o primeiro ordenado que ela ganhou. Para a mãe dela, claro. Tinha ela 12 anos. Era bastante nova. Foi para a Borda d'Água, uma das quintas dali dos arredores de Lisboa. Levou de casa uma malguinha, onde comia as papas. A mãe tinha-lha dado. Como era o primeiro trabalho, deu-lhe a malguinha. Mas que eram as papas? Era farinha de milho cozida só com azeite. Muitas vezes também juntavam um bocadinho de toucinho, parte dele já rançoso. Era perto de Lisboa, mas a miséria continuava. Um dia, a minha mãe comprou umas sardinhas. Tinha lá a malguinha em cima com as sardinhas. Quando deu por ela, já um gato as tinha comido todas. E além de as comer todas, ainda mandou a malguinha ao chão. Partiu-se toda. Depois, ela mandou arranjar a malga, porque não se comprava. Meteram uns ferrinhos. Arranjar era mais fácil. Ainda a tenho de relíquia. Está gira. Mas não é só aquela. Eu tenho aí montes de peças que eram arrançadas. Não se compravam coisas novas, como hoje. Não estávamos propriamente na altura do deita fora. Era tudo reparado. Só mesmo em último caso, se não tivesse mesmo reparação, é que se deitava fora. Claro, reparar sempre era um pouco mais barato do que comprar. É óbvio.

Infância "Os divertimentos eram muito poucos"

Vivi aqui na aldeia desde 1960 a 1972. Ajudava os meus pais, porque aqui começava-se muito cedo a trabalhar. Quando já conseguiam fazer alguma coisa - com 6, 7 anos -, as pessoas começavam a trabalhar. E eu, apesar de ir à escola, também não fugia à regra. Nós tínhamos montes de coisas para fazer: acartar lenha, buscar mato para os animais, que estavam no curral, roçar o mato, que agora está altíssimo... Naquela altura, estava tudo limpinho. Isto era tudo cultivado. Eu, com 10 anos, já cavava uma leira. Ao lado da minha mãe e de outras pessoas. E dava bastante trabalho. Era tudo manual. Hoje, temos umas maquininhas, mas naquele tempo era tudo manual.

Também ia guardar o gado e se tivesse fome bebia logo o leite directamente da cabra. Levava as cabras a 5 quilómetros de distância! Não podia dizer:

- Agora vou a casa.

Demora muito tempo a fazer 5 quilómetros por mato. É quase um dia. Eu ia de manhã, levava as cabras, levava no bolso uma bucha, como a gente chamava - um bocado de chouriça, um bocado de queijo e broa, porque pão, não havia -, e depois ficava ali todo o dia. Só que aquilo não chegava e a gente tinha que se remediar ou com isso ou uma coisa qualquer que surgisse. Era complicado.

Éramos mesmo obrigados a trabalhar. Éramos uns escravos da família. Por obrigação, mas também porque não havia mais nada para fazer. Aqui, o que é que a gente podia fazer? Obrigatoriamente, tinha de ajudar a fazer alguma coisa. Era quase um divertimento.

Normalmente, as famílias eram sempre numerosas. Havia bastantes filhos. Quando fui para Lisboa, em 1972, já tinha sete irmãos. Éramos oito. Depois, já estava eu em Lisboa, ainda nasceram mais dois. Nós todos tínhamos de fazer alguma coisa. Uns, umas coisas e outros, outras. De vez em quando, também nós próprios nos batíamos uns aos outros. Por incrível que pareça, não tínhamos grande coisa para fazer. É a palavra mesmo certa. Tínhamos de arranjar uma forma. Nem que tivéssemos que embirrar um com o outro. Não tínhamos assim tanta coisa para fazer e não ligávamos, também, muito à escola, porque o meio em que iniciávamos também não dava. As brincadeiras, além de jogar às escondidas - como nos dizíamos -, escondermo-nos uns dos outros, eram muito poucas. Os divertimentos eram muito poucos. Para nós, tomar banho a um poço um bocadinho maior, já era uma alegria. E quando não íamos ali, íamos pela ribeira abaixo procurar um maior:

- Este pocinho não dá? Vamos à procura de um ali para baixo que haja lá grande.

Escolhíamos um açudezinho para tomar um banho. Claro tinha de ser mais ou menos no Verão, porque a água aqui é sempre fria todo o ano. Nessa altura, fica um bocadinho melhor, porque de resto, está bem está! Não é fácil tomar banho aqui.

Não tinha brinquedos. Só vi brinquedos mesmo, já tinha uns 9, 10 anos.

"Tínhamos uma sacada de brinquedos"

Um tio meu, na altura, estava na tropa na Guiné. Quando veio cá no último ano que saiu, meteu na cabeça da gente que o Pai Natal vinha - foi na altura do Natal - e nós de manhã quando acordamos tínhamos uma sacada de brinquedos. Muitos bonecos na cozinha. Alguns até já velhos. Foi a primeira vez que eu vi brinquedos ao vivo. Já tinha uns 10 anos.

De resto, fazíamos os nossos brinquedos, umas coisas artesanais. Aquelas físgas - uma forquilhazinha - para mandar aos pássaros e às vezes uns aos outros. Umhas bolas de pano, que depois se molhavam, ficavam muito pesadas e já não jogavam nada. Também não tínhamos grande espaço para jogar. Era muito triste. A nível de divertimentos, era muito triste.

Aqui, nós tínhamos mesmo de nos dar bem. Não havia hipóteses de se dar mal. Quem se desse mal, estava tramado, levava porrada. Não é como hoje. Eu levei muita porradinha dos meus pais. Mais do meu pai do que da minha mãe, claro. As mães, normalmente, não batiam tanto. Bastava ele dizer:

- "Vai ao mato." - e eu não ir.

Ou:

- "Vai à lenha." - e eu não ir.

Ou:

- "Vai buscar água ali à fonte." - e eu não ir.

Não era preciso muito para se levar porrada e da grossa. Não era um simples estalo na cara como se dá hoje. Era porrada a sério. Não era a brincar.

"E sopa todos os dias"

A alimentação era muito pobre e nada diversificada. Era só o que a terra dava. Batatas, feijão, feijão, batatas, couves... E sopa todos os dias. Não havia dia nenhum que não se comesse. Sopa ao almoço, sopa ao jantar e muitas vezes era mesmo só a sopa. Era boa e dava para comer muitas vezes, mas era muito forte, porque era de feijão com as couves. Na altura, toda a gente tinha um porco. Matavam o porco e essa carne era guardada no sal, porque não havia frigorífico. Depois, ia-se cortando aos pouquinhos de cada vez. Na sopa, juntava-se um naco de carne, dizíamos nós um bocadito. Aquilo tinha de durar por muito tempo. Um bocadito de carne dava para seis ou sete pessoas. Era praticamente só para dar o gosto, porque também era muito salgado. Muitas vezes, era uma pilha autêntica de sal. Salgadíssimo! Era péssimo... Na altura das festas, comia-se também cabrito. A carne de cabra era só para os dias de festa, porque tinha que ser vendida. O dinheiro que fosse realizado dava para comprar outras coisas que eram também necessárias.

A castanha também entrava na nossa alimentação. Castanhas e o mel eram duas coisas muito boas. Era o sustento da maioria das pessoas durante os meses de grande invernha: Dezembro, Janeiro e Fevereiro eram os meses piores. Agora, como isto está tudo alterado não sei se ainda é assim. Se estiver normal, a castanha acaba por ganhar bolor passado uns dias. Estraga-se. Se for seca, o bicho não entra nela e aguenta. A casca apanhava o fumo da lareira, do fumeiro, ficava

seca e aguentava dois ou três meses. Essa castanha, depois, quanto mais não fosse, dava para fazer sopa. Normalmente a sopa caseira é batata, feijão, couves, etc. Se tivesse nabo também punham. Nessa altura, simplesmente, não punham o feijão, porque senão o feijão e a castanha - Jesus! - aquilo explodia mesmo. Só havia a substituição do feijão pela castanha. A sopa ficava um pouquinho mais adocicada, porque a castanha é mais doce que o feijão. Mas a sopa de castanha que eu me recordo mais e de que eu ainda tenho o paladar era feita pela minha avó, a mãe da minha mãe. Nós não tínhamos tantos castanheiros que desse para fazer sopa. E daqueles um ou dois que tínhamos, comíamos as castanhas ainda antes de elas ficarem secas. Já não chegavam a sopa nenhuma. A minha avó já tinha mais castanheiros e guardava durante mais tempo. Quando a mãe não estava, a gente ia para casa das avós. E se em casa comíamos sopa, na casa da avó tínhamos sopa também. Havia sempre e matava-se a fome. Era uma coisa muito forte. Nós comíamos aquilo e ficávamos quase dois dias sem ser necessário comer. Era uma coisa que alimentava. É a recordação que eu tenho da altura.

"A roupa de Verão era a mesma de Inverno"

Aí até aos meus 7 anos, era a minha mãe que me fazia a maior parte da roupa. Vinha aí um fulano vender umas peças, ela comprava e fazia a roupa para mim e para os meus irmãos. Só muito mais tarde, praticamente quando eu fui para Lisboa, é que comecei a ter roupa já confeccionada. Houve uma vez ou outra que me comprou umas calcinhas ou uma camisazinha na feira da Vide. De resto, toda a roupa que eu tive era ela que fazia. Depois, ainda dava para os meus irmãos. Às vezes mais que um. Alguma se calhar ainda existe, porque isto era uma poupança mesmo muito grande. As roupas eram muito fracas. A roupa de Verão era a mesma de Inverno. Não tínhamos cá quispos nem nada disso. Era uma saqueta pela cabeça para segurar a chuva e a roupa normal.

Casa "*Construída em 1965*"

A minha casa foi construída em 1965. Foi o meu pai que a fez, na altura em que começaram a tirar a estrada, a chegá-la mais à povoação. A estrada ficava lá atrás, aos Penedos Altos. Quando a estrada começou a avançar, o meu pai trabalhava lá com outras pessoas, amigas dele:

- "Olha, vens-me ajudar a fazer a minha casa."

E depois o meu pai também ia ajudar a fazer a deles, lá noutro lado qualquer. O que eles pagavam era o material, que era tudo madeiras, basicamente. Gastou, naquela altura, 20 e tal contos, praticamente. A casa era toda feita em pedra

e depois eram só as madeiras. Era do tipo do meu tio Francisco, que é uma referência das casas da aldeia. Ainda mantém aquela traça antiga por dentro. Tinha exactamente aquelas divisões. Uma cozinhezinha, com uma bancada e uns pregos espetados na parede para pendurar os utensílios. Por cima da lareira, tinha o que nós chamámos um caniço, onde se punham as castanhas a avelar. Outra divisãozinha, que se dizia que era a sala. Tinha lá uma mesa e um armário com uns copos e umas louças melhorzinhas. O quarto dos meus pais e uma pequena despensa onde se guardavam alguns utensílios. Nessa despensa, havia uma escada, que subia para o sótão, onde se punham as batatas.

"A porta sempre foi azul"

A porta sempre foi azul. A loja só tinha mesmo aquela tinta. Só havia aqui uma loja que tinha tinta e só vendia azul, porque não podia vender várias cores. Aquela, pelo menos, era sempre vendida, porque era uma cor que as pessoas gostavam. Não havia grande escolha. As pessoas tinham de optar mesmo por aquela. Naquela altura, o homem não tinha grandes recursos e as pessoas até já sabiam o preço daquela. Mantinha sempre o mesmo preço e tudo. Se fosse outra:

- "Esta é mais cara."

- "Então, já não quero..."

Podia-se dar o caso. Aquela cor, pelo menos, estava garantida e sempre certa. Claro, havia um azul mais escuro, outro azul mais claro, mas eram sempre o azul.

A minha casa já esteve como a do meu tio. Talvez ainda um pouco pior. Felizmente, os meus pais arranjaram-na.

Educação "*Tínhamos que ter respeito à professora*"

Entrei na escola em 1967. Andei lá quatro anos. Desde a primeira até à quarta classe. Era no cimo. Chamamos ao Malhadinho. Eu ia a pé até lá. Era muito mau, porque tínhamos alturas em que nem se podia andar aqui na rua com o gelo. Umhas vezes, era gelo, outras vezes, era neve. Nós chegávamos lá e também tínhamos frio. Aquilo tinha uma lareira, mas não aquecia a casa toda. É óbvio. Era só aquele cantinho. Era muito mau. E nós não tínhamos um vestuário adequado.

Tinha muitos alunos. Recordo-me que, quando saí da escola, em 1971, havia aí uns 40 e tal alunos. Pelo menos 40 havia. Tive várias professoras, umas melhor que outras.

"O primeiro ordenado que ganhei"

Tenho uma história muito engraçada com uma professora. Eu fui-lhe levar a mala a Vide. Nós tínhamos que apanhar a camioneta em Vide ou em Pomares, mas em Pomares, não havia naquele dia e ela foi para a Vide. E eu mais outro rapaz - por acaso sei o nome dele, foi o Fernando - fomos escolhidos para lhe levar a mala lá. Vai-se sempre pela ribeira abaixo, na altura, a pé. Passávamos o cemitério, Foz d'Égua, Casas Figueiras, por ali baixo até chegar a Vide. São 12 quilómetros de estrada. Por caminho seria menos. Eu tinha 10 anos. Custou-me bastante, ainda por cima a levar um carregão. Foi o primeiro ordenado que ganhei. Ela deu-me 20 escudos. A professora gostava de mim. Naquela altura, 20 escudos era muita coisa, era muito dinheiro. Penso que a minha mãe comprou logo uma coisa qualquer boa. Naquela altura, eu não tinha a noção do dinheiro, mas em comparação mal o via. Não havia muito dinheiro, mas recordo-me perfeitamente: em 1970, 20 escudos já era muito dinheirinho. Pelo menos para mim.

Isto era muito mau e nem todas as professoras queriam estar cá. Muitas eram colocadas à força e assim que podiam, abalavam. Outras nem sequer tinham coragem para acabar a época. Iam embora antes disso. Depois, estávamos mais dois ou três meses à espera que viesse. Lembro-me que um ano só tivemos escola dois ou três meses. Não veio professora. Os que estavam mais bem preparados foram a exame. Nesse ano, não fui, exactamente por isso. Também não estava bem preparado para o pouco tempo de escola que tive.

Naquela altura, a escola não tinha nada a ver com agora. Não havia este drama que agora há nas escolas. Nós tínhamos que ter respeito à professora, senão ela batia mesmo. Batia a sério! E ainda ia dizer aos pais. Se ela fosse dizer aos pais, ainda apanhávamos mais! O que era um grande agravante. Hoje em dia é ao contrário. Os pais vão perguntar à professora porque deu uma chapadinha no menino. Se a professora viesse dizer à minha mãe ou ao meu pai, eu ainda apanhava mais. Havia um certo respeito. Mas lembro-me daqueles rapazes mais velhos, que eram repetentes, que andavam até aos 14 anos na escola. Havia lá rapazes de 13, 14 anos que se viravam à professora. Não deixavam bater. E, se fosse preciso, partiam-lhe a cana. Nós víamos aquilo, claro, também ficávamos um bocado inchados:

- Se ele faz aquilo, qualquer dia a gente também consegue fazer!

Mas não, era só um caso ou outro e aquilo ficava por ali. Mas por acaso uma professora - essa mesma a quem eu fui ajudar a levar as malas a Vide - quis-se ir embora porque andavam aqui uns quatro ou cinco rapazes mais velhos, muito maus. Como já era uma professora com uma certa idade - penso que tinha uns 50 anos ou mais -, começou a ter um pouco de medo deles e quis-se ir embora. Foi essa a razão. Tenho a certeza que ela foi mesmo embora por causa desses rapazes. E ela até gostava muito daqui do Piódão.

Não gostei muito dos primeiros anos. Queria era que aquelas horas passassem o mais rápido possível. Eu, na altura, também não era uma pessoa dedicada para aprender. Mas nem seria propriamente o gostar. Nós não tínhamos grande ajuda. Não havia grande incentivo. Mas, para o fim, já comecei a gostar mais. Só que entretanto, saí, porque a escola acabava no quarto ano e o exame não era feito aqui. Era em Arganil. Fica a 50 quilómetros daqui. Nem fui assim tão mau aluno, porque passei todos os anos. Só não passei um ano, que quase ninguém passou, porque houve uma professora que esteve cá um determinado tempo e depois foi-se embora. Mas posso dizer que estudei mais depois de sair de cá. Não continuei na escola, mas, voluntariamente, aprendi muito mais do que durante os quatro anos que andei cá na escola.

Religião "*Uma grande referência que eu tenho*"

Toda a gente andava na catequese. Mas eu não era daqueles que mais cumpria. Não aproveitei muito bem esse tempo. Fui baptizado pela religião católica, mas não sou praticante. Mas antes ia à missa. Levávamos sempre a roupa melhor. A roupa do domingo era a melhor. Domingos ou outros dias festivos. Durante uns dois anos, ainda fui ajudante do padre Manuel Fernandes. Actualmente já não é padre. Já deixou. Mas para mim é uma referência muito grande. Apanhei-o dois anos, os últimos anos da escola. Aí já tive mais gosto, porque ele criava outras coisas. Arranjava uns passatempos giros e uns passeios. Era uma coisa diferente. Entrou em sintonia com a professora e ajudava bastante as crianças. É uma grande referência que eu tenho. O ex-padre Manuel Fernandes.

Migração "*Éramos explorados na mesma*"

Quase toda a gente, quando acabava a escola, saía. Ou continuava a estudar - caso os pais pudessem -, para Arganil ou outro sítio qualquer, ou se dedicava

mesmo ao campo - o que não era fácil, porque isto é um trabalho muito duro - ou ia embora. De resto não havia saída possível. Trabalho, aqui, não havia como há hoje, e ninguém podia estar à boa-vida. Hoje, reparam-se casas e já se paga. Naquela altura, não era assim. As pessoas que aqui andaram ganhavam pouquíssimo ou quase nada. Por isso, fugiam todas. Iam-se todas embora. Sempre que havia a oportunidade, as pessoas, que estavam em Lisboa, levavam outras. De Lisboa, as pessoas migram para outro país qualquer. Nós, aqui, emigrar para Lisboa já era ótimo. Já era muito bom. Há até pessoas que foram para Lisboa e nunca mais voltaram ao Piódão. Nunca mais. Venderam as coisas todas que tinham aqui e nunca mais vieram.

Fiz os 12 anos em Lisboa. Quando fui, já estava lá o meu pai há uns três ou quatro anos. As minhas duas irmãs mais velhas também já tinham ido antes de mim. Ficaram cá os outros todos. A seguir ao 25 de Abril lá se conseguiram arranjar condições e foi toda a gente para Lisboa, de uma virada. Já não foram às prestações. Foi logo o comboio todo. Na altura, havia uma firma de cafés que era a Vilarinho & Sobrinho, onde trabalhavam familiares meus. Um primo levou o meu pai e depois o meu pai levou-me a mim. Não fui para a firma onde ele trabalhava, mas ele arranjou-me. Normalmente, fomos daqui para as mercearias - por acaso ainda é o ramo em que continuo a trabalhar.

Adaptar-me, foi muito complicado. Era muito difícil sobreviver. Aqui, era um nível, ali, era uma coisa mais avançada. Também não tínhamos grandes amigos. Só tínhamos inimigos. As pessoas tentavam desajudar, não era ajudar. E continuávamos a fazer as mesmas coisas. A nível de trabalho, éramos explorados na mesma. Eles faziam questão de vir aqui buscar as pessoas, porque sabiam que já estavam habituadas a determinado sofrimento. Quando chegavam a Lisboa, trabalhavam que nem uns mouros e comiam muito pouco ou nada. Não tinham grandes exigências. Se aqui tínhamos de trabalhar no campo, chegávamos lá:

- "Então, tu vieste do campo? Lá, tinhas que trabalhar no campo?"

Tinha que fazer os trabalhos piores na mesma. Quando cheguei lá com 11 anos, fui para uma loja fazer os trabalhos piores, que os outros não queriam fazer. Pesar batatas, levar os carregos mais pesados, levar botijas de gás ao quarto e quinto andares... O que os outros não queriam fazer, empurravam para os mais fracotes. E não nos podíamos negar, senão perdíamos o trabalho. Ainda não tínhamos agilidade para arranjar outro rapidamente. Enfiaram-nos aquele e tínhamos de abraçar aquilo durante uns tempos. Pelo menos, enquanto não desenvolvêssemos mais um pouco. Tínhamos uma vantagem: a alimentação era um bocadinho diferente. Isso e a visão daquilo que é Lisboa já nos dava um certo ânimo. De resto, continuávamos a ser uns sofredores, pelo menos, durante os três ou quatro anos, que levássemos a desenvolver. Se ao fim de dois ou três anos conseguíssemos arranjar um emprego melhor ou alguém que gostasse de nós,

ajudava-nos. Senão... As pessoas que nos acolhiam já sabiam que era mão-de-obra barata que estava ali para explorar. Não há dúvida nenhuma. E quem disser o contrário está enganado.

Comércio tradicional

O meu primeiro ordenado durante alguns meses foi 100 escudos. Mas não tinha horário. Era até o trabalho acabar. Começava às nove da manhã e se fosse preciso estava lá até às onze da noite. Éramos altamente explorados. Ganhava 100 escudos, mas fazia o trabalho que fazia. Mais do que um indivíduo que já estava a ganhar 1000 escudos, por exemplo. Era assim a lei da vida. Aconteceu comigo, aconteceu provavelmente com outras pessoas da minha idade. E mais velhos, se calhar ainda pior. Mas tinha uma vantagem. Quem quer mão-de-obra barata também cria as condições. Nós tínhamos comida, dormida e roupa lavada. Tínhamos ali tudo, para obrigar a gente:

- "Não, não podes fugir assim de qualquer maneira, porque tens aqui tudo."

Mas até aos 20 anos o meu dinheiro foi sempre para os meus pais. Ajudei-os até essa idade. Coisa que hoje em dia não se faz. Desde que fui trabalhar para Lisboa, aos 12 anos, até aos 20, todo o dinheiro que eu ganhava era para os meus pais, porque eu tinha muitos irmãos - tinha nove - e sabia perfeitamente que os meus pais não tinham possibilidades de lhes dar boas condições de vida. Eu, na altura, estava a trabalhar para eles.

Depois continuei no mesmo ofício. Não devia ter continuado, porque as coisas têm uma certa duração e a gente também deve fugir. A partir de uma certa altura, comecei a ter mais responsabilidade, a ganhar mais, e isso foi andando, andando e nunca mudei. Mas acho que devia ter mudado, porque hoje o meu ramo está mesmo em baixo. Actualmente, tenho um pequeno comércio, uma loja pequena, especializada em vinhos bons, artigos de lacticínios e enchidos. No entanto, não é viável, porque, temos os hipermercados aos montes. E o comércio tradicional está cada vez a cair mais. Em 2001, deixei de ser empregado. Em 2002, quando entrou o euro, comecei a trabalhar para mim na minha loja. Mas em 2001 ganhava, em escudos, cerca de 200 contos. Era o meu ordenado como empregado. Actualmente, tenho mais responsabilidades e não tenho 1000 euros para mim. Actualmente, não ganho 1000 euros. Ganho menos. Quer isso dizer que devia ter fugido desta profissão, mas aconteceu.

Costumes *Tradições do Piódão*

"As pessoas estavam mais vocacionadas"

As festas eram dias melhores. Os tais dias em que o rancho era melhorado. Era giro, mais giro do que hoje. As festas eram levadas mais a sério. As pessoas, naquela altura, estavam mais vocacionadas. Eram coisas que nós absorvíamos mais, porque não havia mais nada! Quando eram essas coisas, as pessoas colaboravam a 100%. Tudo corria da melhor maneira. Só bastava saber que era o dia de São Pedro para ser um dia diferente. Mesmo que calhasse a um dia de semana, que não fosse um domingo. Era como se fosse um dia santo. Tudo funcionava melhor. Não se trabalhava. Era dia de descanso. Toda a gente tinha de ir à missa e à procissão também. Era tudo diferente.

Na procissão ia tudo muito certinho até lá ao fundo ao cemitério. Muitas vezes, eram umas procissões muito grandes, porque vinham pessoas das outras terras. Tinha sempre muita gente. Era muito maior do que agora. Já não há procissões como naquele tempo. A igreja estava cheiíssima. As pessoas quase não cabiam lá. Havia mesmo mais aglomerado de gente.

"O dia mais longo"

No Natal, tínhamos a fogueira e a missa do galo, à meia-noite. Era o único dia em que a gente se deitava mais tarde, às duas ou três da manhã. Nem no Ano Novo isso acontecia. O Natal era o dia mais longo para aqueles que podiam andar na rua. Muitas vezes, a minha mãe não me deixava. Tinha que vir cedo para casa logo a seguir à missa, à meia-noite. Acabava à uma hora e eu vinha para casa. Mas uma vez ou outra também fiquei com os outros miúdos ali no adro. Tinham um grande cepo e aquilo ficava ali toda a noite. Alguns ficavam lá até às quatro ou cinco da manhã, até que fossem vencidos pelo sono. Ficávamos ali a olhar para a fogueira, a falar uns com os outros. Aquilo era giro. Só estar ali o cepo, já era bonito.

Nos Reis, eram as festas normais. Um pouco diferente, mas também normal. As Janeiras era mais giro, porque a gente ia pedir umas coisas pelas portas. Davam umas coisinhas melhorzinhas à gente. Algumas pessoas davam, outras não davam. Simplesmente nem sequer abriam a porta. A gente, àquelas que davam, dedicava uma quadrazinha. Uma coisa espontânea. Tinha a ver com o

nome da pessoa: "Nós aqui estamos!" - depois dizíamos o nome da pessoa, ou Tio João ou Tia Maria - "veja lá se nos pode dar alguma coisinha"... Tinha a ver com a altura do momento. Aos que não davam, dizia um nome feio. Se eles não nos davam e se a gente sabia que eles estavam lá, aí levavam para assar! Não diria que os chamava egoístas, porque nem sabia o que isso queria dizer. Mas dizia-lhe um nome, se calhar, pior que isso...

"Tens o ramo muito bonito!"

O Domingo de Ramos era muito bonito! Todos nós levávamos um ramo de loureiro, que depois era enfeitado com umas rosas, umas ervas, etc. Havia sempre uma grande preocupação. Nós começávamos logo dois dias antes a preparar. Fazíamos ramos lindíssimos. Íamos à procura de umas plantas que haviam na serra, muito bonitas, para ser diferente. Íamos o mais longe possível. Corríamos tudo, a serra toda, se fosse preciso. Aqui perto do que nós chamamos a Piranga, há um sítio muito difícil de ir lá, que se chama os Quelhões. Nós íamos lá buscar umas plantas amarelinhas muito bonitas, que eram as cantarinhas. Saltavam logo à vista, por serem diferentes. Então nós íamos lá buscar aquilo, porque toda a gente fazia questão em levar o ramo mais bonito possível. De forma que havia sempre um grande interesse. E o padre Manuel Fernandes adorava ver a gente com aquela azáfama à procura do ramo. Depois dizia:

- "Sim, senhora! Tens o ramo muito bonito!"

Mas dizia praticamente a toda a gente, para que todos ficassem contentes. Sabe-se perfeitamente que havia sempre um ou outro melhor. Mas recordo-me bem, porque ele era uma pessoa muito dotada que sabia perfeitamente lidar com as pessoas. Dizia:

- "Sim, senhora! Isto é muito bonito!"

A cada pessoa que passava. A gente fazia questão:

- Ó, senhor prior! Está a ver este?

- "Sim, senhora! Muito bonito, muito bonito!"

"Uma creença muito antiga"

Noutra altura, faziam-se as cruces para pôr nas ombreiras das portas. Num outro dia, que há mesmo próprio para isso. Não sei se era na altura da Santa Bárbara. Diziam que dava sorte pelas trovoadas. Protege. Isto é uma creença já muito antiga, que eu, sinceramente, nunca liguei. A minha creença não foi assim tão desenvolvida nesse campo. A minha mãe liga mais. Gostava inclusive que fosse ela ou o meu pai a falar sobre a cruz.

"Pedir o foliar aos padrinhos"

A Páscoa era também um dia especial porque era uma grande fartura. Era quando se comia a melhor carne, o melhor cabrito, a melhor cabra. Nós, os miúdos, íamos pedir o foliar aos padrinhos. Normalmente, davam-nos amêndoas. Aqueles que tinham, os que não tinham... Os meus padrinhos, por sinal, também não eram assim muito riquitos. Eram fracotes, mas aqueles que tinham padrinhos bons acabavam por distribuir pela gente. O que gostávamos mais era ir pedir o foliar e depois estar o dia todo a tocar o sino, a seguir à missa. Todos iam lá tocar. Uns tocavam melhor que outros. Nesse dia, o sino começava a tocar com o início das boas-festas. As boas-festas era ir a casa das pessoas com a Cruz. Primeiro, havia a missa e depois, o padre ia às casas todas. Claro, ele recebia um dinheirito que as pessoas punham lá. Quando não era dinheiro, era uns géneros. Iam sempre, também, alguns ajudantes lá da igreja, que são os mordomos, que recolham essas coisas. O padre ficava para ali muito cheio de material.

"A nossa perdição era o vinhito doce"

Quando eu tinha aí 7 ou 8 anos, ia ajudar nas boas-festas. Actualmente, também costumo ajudar o meu tio, que é o que faz isso, mas agora já levo a Cruz. Na altura, como era muito miúdo, ia à frente com umas campainhas a anunciar que estavam a dar as boas-festas na povoação. As pessoas punham sempre as coisas na mesa para a gente depois poder comer qualquer coisa, quando o senhor prior acabava de falar. A nossa perdição era o vinhito doce. Aqui, começava-se a beber vinho cedo. Eu comecei a ter contacto com o álcool muito cedo, com uns 9 ou 10 anos. Eu e quase toda a gente. Por isso é que na escola era um pouco complicado, também. Eu gostava muito desse vinho doce. E uma vez abusei e comecei-me a sentir tonto. Fugi. Dei a campainha a outro miúdo qualquer e fugi. Vim para casa e meti-me na cama. Não sabia o que era aquilo! Não sabia o que era ficar tonto, mas sabia que alguma coisa me estava a acontecer. Depois, o senhor padre repreendeu-me. Disse:

- "António, não podes beber tanto vinho. Bebe só um bocadinho. Só um bocadinho! Não sejas egoísta."

Tenho esta lembrança. Na altura, o senhor padre disse-me isso.

Era muito giro. O dia de Páscoa era um dos dias bonitos. Principalmente para nós, crianças, era muito divertido. Era mesmo à grande. Rebuçados com fartura, amêndoas. Era um dia em que não havia miséria. Era giríssimo.

"Era uma forma de meter medo às crianças"

Antes, contavam histórias, mas eu nunca liguei muito às lendas. Normalmente tinha a preocupação de procurar ao meu pai ou à minha mãe:

- Mas quem é que diz isso?

E ele:

- "Diziam!"

- Diziam?

Metia-me uma certa confusão, porque eu era mais do tipo de "ver para crer". Se ainda fosse uma coisa que tivesse algum grau de veracidade... Não ligava mesmo. Nem achava grande piada às lendas dos mouros e das mouras e desencantar o dinheiro... Era uma forma, muitas vezes, de meter medo às crianças. Mas o meu pai, não. O meu pai era uma pessoa de moral rígida e metia medo à bofetada. Não havia hipótese. Fazia o medo à maneira dele. Não estava com essas preocupações. Os outros, mais flexíveis, é que faziam isso.

Mas o meu pai contou-me que viam um grande homem chegar ali a uma "peneda". Dizia umas rezas, a pedra abria-se e ele entrava com um saco. Quando saía, já levava o saco vazio. As pessoas diziam que ele tinha ido lá despejar dinheiro. No saco levava ouro e ele foi lá pôr as moedas. Uma vez, chegou lá um maluco, que tentou rebentar a pedra com uma barra. Afinal, rebentou a pedra e não estava lá nada!

A minha mãe contava-me - e já contavam a ela também - que uma vez veio aquilo que a gente chama um tornado. Quando é o vento forte. Veio uma força muito grande que até derrubou os pinheiros todos. Nesse dia, estava uma mulherzinha num sítio que se chama as Casas Piódão - um sítio plano quando se vai para a Foz d'Égua - e o vento levou essa mulherzinha, que foi parar do outro lado, a não sei quantos metros. Mas passou por um precipício enorme. É um vale completo! Levou-a pelo ar, ela foi cair do outro lado e não lhe aconteceu nada. Simplesmente só a mudou de sítio. É uma lenda também que já contavam à minha mãe.

"O espírito de entreajuda funcionava"

Nas tarefas, as pessoas ajudavam-se. Ajudavam mesmo. A moeda de troca era essa. A minha mãe ia ajudar outra pessoa a cavar e depois essa pessoa vinha ajudar a minha mãe. Não havia pagamentos. Não se ganhava dinheiro a fazer estas tarefas do campo. Não eram remuneradas. Era tudo feito voluntariamente. Ninguém chegava ali:

- "Vais trabalhar para mim e eu dou-te "x"."

Não era assim. Era mesmo troca por troca de trabalho. O espírito de entreajuda funcionava porque era mesmo assim. Isto era pobre. Se havia algumas pessoas com mais dinheiro, a gente não via. Nem demonstravam. Nem elas próprias pagavam a alguém. Se fosse preciso, mesmo que tivessem mais dinheiro, ajudavam as outras pessoas, se vissem necessidade. E depois pediam também ajuda.

As pessoas de fora, normalmente, eram vistas como intrusos. Não aceitavam assim muito bem. Diziam logo que eram ciganos, que andavam para aí, ou que eram isto e aquilo. Recordo-me que quando os carros começaram a aparecer ali no largo, as pessoas metiam-se todos para dentro de casa. Era muito fechado, mesmo. É difícil explicar esse pormenor, mas acho que dá para entender. Não tem nada a ver com os dias de hoje. Agora, através dos filhos, muitas pessoas já modificaram um bocadinho. Pouco, mas já modificaram. Agora há 40 anos, era 30 vezes pior do que agora. O Piódão está muito diferente, mas conservou-se até esta altura. Tudo se conserva, mas também se destrói de um dia para o outro. A partir de certa altura, não deixaram destruir assim tão fortemente. Mas se isto está assim foi devido mesmo ao enclave em que está.

"Tudo resolvido a nível artesanal"

Antes, o médico vinha só uma vez por mês. Aquilo era uma confusão tão grande, que passavam a vida a levar injeções. Só me lembra de levar vacinas que quase ninguém queria levar. De resto, outros medicamentos, nunca tomei. Lembro-me das vacinas e fugia delas a sete pés. Mas era a única hipótese do médico. Dar as vacinas e manter as pessoas todas vacinadas. De resto, todos os outros ataques, fosse aquilo que fosse, era tudo resolvido a nível artesanal. A minha mãe fazia aí umas mezinhas. Ela tratava disso. Se doía a cabeça, era um paninho com uma água quente. Se doía os ouvidos, metia leite quente da cabrinha. Era tudo muito artesanal.

Lugar *"Uma terra só para mouros"*

Acho que o nome de cá tem a ver com o abecedário árabe. Isto foi sempre habitado, como outras terras, por outros povos. Aqui há muitas lendas dos mouros e os mouros, normalmente, são os árabes. Portanto, dá-me ideia que a maior parte dos nomes daqui tenha a ver exactamente com essa altura. Não devem ter sido muitos, porque isto realmente... Mas penso que alguns árabes devem-se ter adaptado aqui a isto. Talvez seja essa a razão pela qual a palavra

venha do abecedário árabe. Porque, sem dúvida, isto é uma terra mesmo só para mouros. A gente agora vê este mundo, mas para o que eu conheci em criança e para o que os meus pais me contam, era muito pior, 30 vezes pior. Por isso digo: quem vivia aqui eram mesmo mouros.

Chuva, vento e neve

Isto tem meses péssimos. Ou está a chover ou está muito vento. Em Janeiro, Fevereiro, está muito frio. Mesmo muito frio. Era uma altura em que nevava muito e às vezes havia dias em que nem sequer se podia sair de casa. Não se pode fazer quase nada. É incrível. Isto é terrível.

"Já não conseguia andar!"

Uma vez, fui buscar lenha. Quando íamos buscar lenha, tínhamos que andar quilómetros para ir buscar um pauzinho para a fogueira. Não era como agora, que está ali a lenha mesmo ao pé de casa. Eu fui buscar esse pau muito longe, mas tive que o deixar pelo caminho e tentar vir a correr. E mesmo assim já apanhei a minha mãe no caminho à minha procura, porque chegou uma altura, começou a nevar tão forte, que já não conseguia andar! A neve já me travava o andamento. A intensidade com que estava a nevar! Uma coisa muito rápida. Foi um fenómeno bastante curioso e que não é fácil de acontecer. Às vezes, começava a nevar ao final do dia e ao outro dia, sim, a neve já tinha uma determinada altura. Ali, começou a nevar com tanta intensidade que rapidamente a neve subiu uma coisa louca. Viam-se mesmo montanhas de neve. Parece que estava alguém a meter aquilo ali à força. Uma coisa esquisita.

"Agora sou mais exigente"

Agora, o Piódão tem todas as condições. Quando eu saí daqui, a estrada só chegava ao Malhadinho. As pessoas não podiam sair daqui. Para saírem, tinham de ir a pé. A minha mãe foi a Arganil muitas vezes a pé. Uma distância de quase 50 quilómetros. Foi daqui quase para a Beira Baixa a pé. São 70 quilómetros por caminho! Por estrada, naturalmente, seria mais. Naquela altura, havia os caminhos. Onde passavam as pessoas, passavam também os cavalos, quem os tinha. Nesse caso eram burros, não eram propriamente cavalos, que são um pouco maiores. O burro é mais pequeno e adaptava-se melhor. Mas nem era bem cavalo

nem burro. Era uma outra raça diferente. Uns cavalos mais pequenos e fortes, que se adaptavam muito bem a estes pisos e faziam as cargas, quando as pessoas não as faziam às costas. Era muito diferente do que está agora. Era muito mais sufocante.

As casas não tinham casa de banho. Não havia água canalizada, nem sequer era preciso haver casa de banho. É óbvio. Não havia luz. Nós fazíamos os trabalhos da escola à luz do candeeiro a petróleo. Algumas pessoas já tinham aqueles a gás, vulgo Petromax. Mas isso eram as pessoas mais desafogadas. As pessoas mais pobres era a petróleo. Aquilo era um cheiro, um "pive" todo o dia e toda a noite. Se formos por aí, isto está 100 vezes melhor. Por isso mesmo, agora, sou mais exigente. Naquela altura não precisava de nada. Não havia, mas também não precisava, nem reclamava. Contentávamo-nos com pouco. Isto era tão pobrezinho que a gente contentava-se com pouco.

Agora, na parte dos divertimentos para as crianças, não vejo grande melhoria. Continua a haver uma grande falta. Isso é um facto. Para as pessoas já mais adultas, é óbvio que está muito melhor do que naquela altura. Para as crianças que vêm para aqui de férias, não vejo grandes sítios onde elas se possam divertir. Isto quase que não tem 50 metros direitos. Onde é que eu encontro aí um espaço, sem ser a estrada, onde tenha 50 metros direitinhos? Não tem! O meu miúdo tem 13 anos. Gosta de jogar à bola. Aqui, não tem sítio para jogar à bola. Agora nem sequer tem a piscina fluvial. Esta intempérie levou isto tudo por água abaixo. Que é que ele vem cá fazer? Só se for andar comigo para a serra, mas isso ainda é muito duro para ele. Com 13 anos, não pode fazer aquilo que eu faço. Não pode fazer 90 quilómetros. A menos que eu espere um dia inteiro por ele. A miúda tem 20 anos. Também não encontra aqui grandes divertimentos. Por isso, também não gosta muito. Diga-se em abono da verdade. Por isso, acho que é normal as pessoas não gostarem. Gostam mais as pessoas que vêm cá a primeira vez. As pessoas que já conhecem isto, propriamente, os nossos filhos, não gostam. Entendo perfeitamente.

Não me importaria de dar a minha contribuição para que isso deixasse de acontecer. Assim houvessem mais vontades. As coisas têm de se fazer. Há aí outras terras mais pequenas que esta e já têm algumas valências que o Piódão não tem. Isto magoa-me imenso... E tenho lutado bastante por isso. Actualmente, sou presidente da Comissão de Melhoramentos. Já fui quatro anos e voltei a ser novamente este ano, mas não consegui criar grandes condições para que as coisas se desenvolvessem nesse campo. Acho que já devíamos ter, por exemplo, um ringuezinho de futebol de salão. Vou ficar sempre com isso atravessado. Não conseguimos realizar nem uma piscina como deve de ser. Há coisas que não se compreendem. Mas a primeira coisa que eu fazia era um ringuezinho de futebol. Já que não dá para ter um campo como deve de ser, pelo menos um ringue. E

depois uma piscina como deve de ser. Não pode ser com esta água do ribeiro, porque é muito fria. Ninguém consegue tomar banho. Eu tomei muitos anos. E mesmo depois de ir para Lisboa, vinha cá e tomava. Mas agora acho que as pessoas já não estão para aí viradas. O corpo já não está preparado para isso. O próprio músculo estava diferente. Aceitava tudo. Hoje não é assim tão fácil. Há que inovar nesse campo também. Se eu tivesse possibilidades, nem que pagasse do meu bolso... Há determinadas coisas que tinham de ser feitas mesmo.

Apesar de estar em Lisboa há 36 anos, o Piódão representa muito para mim. Basta ser a terra em que eu nasci. Só isso basta. Para além disso, gosto muito do Piódão. Apesar de ter sido muito mau, há sempre determinadas coisas que a gente gosta. Talvez tenha ficado um pouco marcado por isso. Tem a ver já com a minha maneira de ser. De ser uma pessoa demasiado agarrado às coisas. Talvez seja essa a razão. Não consigo arranjar outra explicação além dessas.

Avaliação Registo importante

Acho que este projecto é bom. Há muitas pessoas que têm uma memória, uma capacidade mais forte e devem-se lembrar de muitas mais coisas. Acho que é uma ótima ideia, porque há determinadas coisas que devem ficar registadas. Coisas que não se passam num outro meio mais desenvolvido, que não fosse aqui. Daqui por 100 ou 200 anos ninguém já se lembra que havia terras em que isto era o inferno. Eu tenho montes de recordações giras, de sobrevivência. Isto era tão pobre que nós tínhamos necessidade de sobreviver de alguma forma. Agora se isso não ficasse registado, é óbvio que daqui por 100 anos ninguém se lembra disso.